



Jogos Florais 2011





Adágio Popular



A Arca de Noé da Linha de Sintra - 3º Prémio

Numa super-lotada carruagem de um comboio da Linha de Sintra, em plena hora de ponto, entraram dois desses rapazolas mal-educados (e mal-cheirosos), de cabelo espetado, pintado com as cores do arco-íris, um bigode igualmente estranho e sarapintado e tendo enormes argolas penduradas nas orelhas e no nariz... Modas!...

Sempre prontos a ofender o próximo e convencidos de terem “*himalaias de piada*”, olharam à volta e depositaram em mim aquele seu inimitável e provocador olhar de avestruz com sarampo...

Eu e os meus 120 quilos bem pesados, encontrava-me sentado à frente deles, ao lado de uma simpática e faladora velhinha, que não teria mais de 30 quilos nem menos de 90 anos.

Ao verem-me, os “*rapazolas mal-educados*” não quiseram evitar sorrisos atrevidos e comentários deselegantes, referindo-se, naturalmente, à minha corpulência.

Começaram então a cantarolar, naquele estilo “moderno” que disfarça a falta de voz e de talento, bem como as caneladas dadas na música e na gramática... E enquanto julgavam cantar, olhavam alternadamente um para o outro e para mim:

*“...Hei, meu,
e pinsava eu
que nestes cumbois
nã entravam bois
nem ursos gigantes
E nem alifantes...”*

*“...que triste viagem
nesta carruagem
com bicho a mê lado
e bué de pesado...
eu vô a cantar
para o espantar!...”*

Embora indignado, fiquei-me! Aqueles imbecis certamente não tinham espelhos em casa nem faziam ideia da sua ridícula figura!... E talvez nem aguentassem um sopapo meu...

Foi então que a doce velhinha, após um quase imperceptível piscar de olho na minha direcção, se virou para os “*rapazolas mal-educados*” e cantarolou no mesmo estilo, imitando-os:

*“...Hei, meus,
valha-vos Deus,
se é assim tão estranho
ter este tamanho,
mais estranho é
ter aqui ao pé
bodes com graçolas
e ar infeliz,
com brincos e argolas
até no nariz...”*

*“...também sei cantar
para o mal espantar...
e o mal sois vós dois
pois, pior que bois,
lembram-me dois bodes
p’lo cheiro e bigodes...
esta carruagem
parece bué
a fiel imagem
da Arca de Noé!...”*

...escusado será dizer que os dois “rapazolas mal educados” desceram na estação seguinte, mais caladinhos que dois bodes, perdão, que dois mudos, mas certamente terão ido procurar uma outra vítima que não estivesse ao pé de alguma simpática e faladora velhinha, particularmente que soubesse cantar à “moderna” e tivesse um sentido de humor tão apurado!...

O adágio popular “*quem canta seu mal espanta*” cumpriu-se: os dois “rapazolas mal educados”, que constituíam o mal daquela Arca de Noé, perdão, daquela carruagem, saíram espantados pelo exemplar canto da doce velhinha!...

Pseudónimo: “**PESO PESADO**”

O Passeio - 2º Prémio

Manel da Burra, era assim conhecido e chamado, porque, como desde novo, se tinha constituído como elo de ligação entre a aldeia e a vila, semelhante a um correio diário, no transporte de pequenas e médias encomendas, se fazia sempre acompanhar duma alimária que obedecia às mais simples ordens, o que, entre gente simples, foi o suficiente para lhe criar o sobrenome.

Agora, prestes a completar oitenta e dois anos, e já desligado da actividade, ainda costumava passear pelas poucas ruas de terra poeirenta do seu local de nascimento, logo seguido pelo inseparável e derradeiro burro, rememorando aqueles saudosos tempos, e cantando, muito baixinho, um adágio aprendido em criança.

Sinto que é uma despedida
este momento da vida
que me parece irreal,
lembro a minha mocidade
mas canto toda a saudade
para espantar o meu mal.

No seu deambular, inteiramente ao acaso, lobbrou, mais adiante, a Ti Maria Rosa que se preparava para entrar em casa, depois de sachar a pequena horta, donde tirava algumas verduras que diminuiriam as despesas que teria de tirar ao seu pequeno subsídio mensal. Tivera apenas dois filhos, um dos quais morrera na guerra de África, em circunstâncias que nunca lhe foram, cabalmente, explicadas. O outro, já há muitos, muitos anos, que emigrara e, lá por fora, constituía uma família que somente conhecia pelas fotografias que lhe mandava de quando em vez.

Maria Rosa guardava, religiosamente, todas as cartas que, recebia e que, logo a seguir, a correr, pedia ao Manel para lhe ler.

E Manel, continuou a cantilena.

Ali vai Maria Rosa
toda dobrada, chorosa,
e alma cheia de esperança,
com tanta ruga, inda sonha,
canta a saudade medonha
do filho que tem em França.

De olhos no chão, Manel parecia querer contar as pedras que ladeavam o caminho, porém estava atento ao mais pequeno pormenor que lhe pudesse despertar a atenção. Um cão que corria, veloz, ao encontro da origem do seu farejo, por uma estranha associação de ideias, fez-lhe lembrar o amigo Joaquim Lavrador que jazia, numa cama de hospital com uma maleita que os médicos não conseguiam diagnosticar.

Quem sabe se, neste momento, não estaria, muito em surdina, rezando:

Senhor ouve o meu cantar,
um pedido, um suplicar,
que me sai do coração,
porque dizem que, quem canta,
o seu mal todo espanta
nesta simples oração.

E o burrico lá vai acompanhando o Manel neste passeio lento. A arreata vai solta, que o caminho é sempre o mesmo, o burro sabe o caminho de casa e o tempo não conta.

O pequeno olival que ladeia a estrada onde a rua desembocou, era, desde há quatro ou cinco anos, explorado pelos filhos da Josefa, viúva do Zeferino Tojal, e que se encontrava a viver com um deles, na cidade. Segundo constava entre a gente da aldeia, parece que não era lá muito bem tratada. Já há muito tempo que ela não aparecia na aldeia, mas todos os anos se fazia a apanha da azeitona na devida altura, sem que qualquer dos filhos desse palavra a alguém.

Na cidade, onde padeces,
parece até que te esqueces
que um ditado se levanta,
canta, canta, minha amiga,
p'ra que este povo não diga
que o teu mal não se espanta.

Finalmente, Manel da Burra chegou ao fim do passeio matinal e parou na sua pequena casa, onde o primeiro cuidado foi prender o burro no palheiro, pôr-lhe a comida e água à disposição e ajeitar-lhe a cama de palha. Depois subiu então, o pequeno degrau à frente da porta, entrou para voltar a sair com uma cadeira de palha, onde se sentou a contemplar os raios de sol reflectidos nos vidros da branquinha casa fronteira. Daí a recordar o adágio que o acompanhara todas aquelas horas, foi um ápice.

Para finalizar os pensamentos centrados no motivo que o acompanhou na longa caminhada, deu por si a compor, mentalmente, a canção que foi trauteando toda a manhã, até os olhos se lhe cerrarem numa ligeira modorra.

No meu viver, sossegado,
se cair, em qualquer lado,
tenho Deus que me levanta,
e não me posso queixar
se passo o dia a cantar,
quem canta seu mal espanta.

Pseudónimo: **CATARINA**

Desabafo - 2º Prémio

Irei tratar este adágio
Com algumas reticências...
- Talvez seja o meu naufrágio
E sofra as consequências...

Ainda assim não me calo
E quero ver se me safo...
Se não me ouvirem... deixá-lo!...
Pelo menos desabafo!

O adágio pode ser
Popular e divertido,
Mas ninguém me vai dizer
Que este rifão faz sentido...

É que a pergunta que faço
Pertinente é, por sinal,
E há sempre um grande embaraço
Quando alguém canta tão mal...

“Quem canta seu mal espanta”
Diz o dito popular,
Não pensando em quem não canta
Mas em quem sabe cantar...

Eu, que não me atrevo ao canto,
Por meu canto ser atroz,
Como é que meu mal espanto
Se o meu mal é não ter voz?!...

Na verdade, o que acontece,
Quando me atrevo a cantar,
É espantar quem se aborrece
E não está p'ra me aturar...

Nunca vou espantar o mal,
Pois quem ouve um canto meu,
Passa a dizer, afinal,
Que o seu mal sou mesmo eu...

E depois, p'ra me espantar
O que fez essa pessoa?
- Põe-se também a cantar
Tenha voz má ou voz boa...

Este círculo, contudo,
Faz-me pensar seriamente:
- Mais vale ser surdo-mudo
Do que escutar certa gente!...

Pseudónimo: “**SEM FUTURO**”

Uma Conversa Entre Compadres - 1º Prémio

- Então compadre, vossemecê está a cantar?
- Pois claro! Não sabe que **"QUEM CANTA SEU MAL ESPANTA"!**?
- Mas ainda ontem o vi quase a chorar atrás duma azinheira...
- Pois viu! Mas cheguei à conclusão que **"QUEM CHORA SEU MAL PIORA"!**
- Mas porque é que o compadre anda assim tão avariado?...
- Ora, a minha filha resolveu casar e vossemecê sabe que **"QUEM CASA QUER CASA"!**...
- Mas a sua filha nunca trabalhou nem recebeu herança, como é que arranjou assim um namorado?
- Bem, ele tentou enganá-la, com falinhas mansas, mas o compadre sabe que **"QUEM ARMA A ESPARRELA ÀS VEZES CAI NELA"!**...
- Mas, como foi isso, compadre?
- Olhe, eu pus uns dinheiritos na mão da minha filha pra ela lhe amostrar, pois **"QUEM ANDA SEM DINHEIRO NÃO ARRANJA COMPANHEIRO"...**

- E conseguiu o que queria?
- Claro! Foi um risco, mas **"QUEM NÃO ARRISCA NÃO PETISCA"**!
- O compadre é um grande safado. E que mais aconselhou à sua filha?
- Olhe, disse-lhe para chorar muito e dizer que o amava... Sabe que **"QUEM NÃO CHORA NÃO MAMA"**!
- Mas e o moço é rico?
- Isso não sei! Mas parece ter alguma coisinha... e **"QUEM NÃO QUER SER LOBO NÃO LHE VESTE A PELE"**.
- Tem razão compadre. Então devia estar feliz!
- Tô mais ou menos. Vossemecê sabe que **"QUEM MAIS TEM MAIS DESEJA"**!...
- Sei, sei! Mas olhe que isso é bom...
- Claro que é bom! **"QUEM JUNTA PRA SI POUPA PRÓS OUTROS"**!
- Então o compadre já está a ver a sua filha herdeira de um milionário?...
- Isso não posso garantir. Vossemecê sabe que **"QUEM MAIS SE AFOGA É QUEM SABE NADAR"**!...
- Mas ó compadre, a sua filha é feiota... sai à mãe...
- Pois, a mim não é de certeza!... mas **"QUEM FEIO AMA BONITO LHE PARECE"**!

- Isso é verdade, mas então e a sua filha o que pensa do casamento?
- Olhe, eu não lho digo, mas **”QUEM PROCURA CASAMENTO PROCURA ARREPENDIMENTO”**.
- Não seja pessimista, compadre! A moçoila apenas quer casar...
- O meu receio é saber que **”QUEM TUDO QUER TUDO PERDE”**!
- Mas a sua filha não quer tudo, quer apenas o que lhe convém!
- Pois... mas **”QUEM QUER MAIS DO QUE LHE CONVÉM, PERDE O QUE QUER E O QUE TEM”**!
- Mas o compadre aconselhou-a bem, não é verdade?
- Sim, sim, mas vossemecê sabe que **”QUEM ACONSELHA NÃO OBRIGA”**!
- Claro! Diga-lhe para ir devagar...
- Isso tô eu farto de lhe dizer, pois **”QUEM ANDA DEPRESSA É QUEM MAIS TROPEÇA”**!
- Ó compadre, mas vossemecê não ajuda com uns trocos para a boda?
- Eu?! Nem pense nisso! Não tô para ficar como o compadre Januário...
”QUEM CASA FILHA DEPENADO FICA”!
- Mas o compadre podia comprar qualquer coisinha p’ra rapariga...
- Não, não! **”QUEM COMPRA SEM PODER VENDE SEM QUERER”**!

- Eu sei!... Mas pelo menos compre-lhe um vestidinho fiado pra a moça ir jeitosa...
- Isso é lá com o noivo. **"QUEM COMPRA FIADO PAGA DOBRADO"**!
- Mas o compadre tem propriedades, podia dar-lhe uma das mais pequenas...
- Eu ã sô maluco. Vossemecê ã sabe que **"QUEM DÁ O QUE TEM A PEDIR VEM"**?!
- Tá-me a parecer que o compadre é mesmo um sovina...
- Alto lá! Olhe que **"QUEM DIZ O QUE QUER OUV E O QUE NÃO QUER"**!...
- Tem razão, desculpe lá! Mas a rapariga gosta tanto de si...
- De mim?... De um velho?... Ó compadre, **"QUEM GOSTA DE VELHOS É O REUMATISMO"**!
- Olhe... lá vem a sua rapariga...
- Pois é... **"QUEM É VIVO SEMPRE APARECE"**!
- Aposto que lhe vem pedir qualquer coisa...
- Pode vir, pode, mas ã leva nada. **"QUEM ESPERA DE MÃO ALHEIA MAL JANTA E PIOR CEIA"**.
- Vá lá, ã seja avarento. Ela contenta-se com qualquer coisinha...
- Espero bem que sim, pois **"QUEM É FÁCIL DE CONTENTAR MENOS TEM QUE CHORAR"**.

- Ó compadre, tô agora a reparar que vossemecê tá muito contente mas ontem andava praí quase a chorar...
- Sabe, ontem a minha filha tava pra casar com o Xico sapateiro, mas **"QUEM CASA COM SAPATEIRO LAMBE SOLA O ANO INTEIRO"**...
- Então quer dizer que ela mudou ontem de namorado...
- Parece quem sim... Mas olhe que **"QUEM QUER BOM PARTIDO NÃO ESCOLHE MARIDO"**.
- Mas vossemecê só me arresponde com adágios populares?...
- Eu?... Eu nem sei o que é isso! E olhe que **"QUEM FALA ASSIM NÃO É GAGO"**!
- Pois não, mas acho graça ao compadre, que está praí com grandes cantorias...
- Graça?... Cantorias?... **"QUEM CANTA DE GRAÇA É O GALO"**!
- Mas então pra que é que está a cantar?
- Ó compadre, nã lhe disse logo no princípio que **"QUEM CANTA SEU MAL ESPANTA"**?!
- Pois disse, mas qual é o seu mal?...
- Olhe, está mesmo a chegar... **"QUEM SAI AOS SEUS NÃO DEGENERA"**!... Olá filha, hoje ainda pareces mais feia do que ontem!...

Pseudónimo: **"COMPADRE DA MÁ-LÍNGUA"**



Poesia Alegórica a Monforte



3º Prémio

Abalei, com passos meus,
Na direcção de Monforte,
No caminho, orei a Deus,
P'ra que todos tenham sorte

1 - Eu saí pela Estação,
Fui fazer a caminhada,
Passei Água Derramada,
Fui descansar ao Batão,
Rio Sado, São Romão,
A Alcáçovas fiz adeus;
Vi igrejas, vi museus,
Porque sou homem de fé,
Não há carro, fui a pé,
Abalei com passos meus.

2 – Pelo caminho, a rezar,
Pedi a Nosso Senhor,
Que me fizesse o favor,
Me pudesse acompanhar,
Com força para avançar,
Essa foi meu passaporte,
E procurei, sem desnorte,
Ir chegar, em certo dia,
Para escutar poesia,
Na direcção de Monforte

3 - Linda vila, com valor,
(Alentejo, com certeza!),
Tem carácter de nobreza
Em local encantador,
Seu povo respeitador
Preza crentes e ateus.
Tem poetas muito seus,
E belas obras concretas;
P'ra conhecer tais poetas,
No caminho, orei a Deus.

4 - Bem no seio da sua gente,
Há doutores, engenheiros,
E tradição de toureiros.
Felicitó o Presidente
Pela obra, bem patente,
Pela gente digna e forte.
Desta charneira Sul-norte
Obrigado, adeus, adeus,
Saio feliz e rogo aos céus
P'ra que todos tenham sorte.

Pseudónimo: “**A. Corte-Salva**”

2º Prémio

Monforte: amo os teus prados e os montes
E os bosques que a natura nos of'rece;
Nasci ao pé das veigas onde as fontes
Erguem a voz no sopro duma prece!

Adoro a mansidão dos horizontes
Quando à tardinha o sol empalidece...
E vêm-me à lembrança horas insontes
Do sonho que o meu sonho já não tece!...

Cigano errante nas manhãs luzentes
Trago nos olhos tardes e poentes
Dos teus dias passados num voejo...

- Ó minha terra de todas a mais bela,
Em mim se espelha o traço da aguarela
Que Deus pintou em tudo o que em ti vejo!...

Pseudónimo: **Amoroso**

Poema de Luz - 1º Prémio

Qual pássaro no azul do céu sem fim,
voando sobre as terras de Monforte,
eu fico-me a olhar este jardim
que Deus aqui plantou, talvez, à sorte.

O chão, tem a doçura do cetim;
os homens, a nobreza do seu porte;
e tem, além do mais, e outrossim,
o sonho que aos meus versos lhes dá norte.

Com horas de magia ao pôr-do-sol,
o longe a converter-se em arrebol,
reflecte a cor da paz mais sacrossanta.

E tem aquela imensa luz suprema,
dum halo indescritível de poema
que só Monforte empresta a quem a canta!

Pseudónimo: ***“HUMBERTO”***

Em Busca de Um Sonho - 1º Prémio

M - **MONFORTE**, terra franca e sedutora,
O - Onde o Sol é mais quente e o ar mais puro,
N - Não temendo o Passado, quis, agora,
F - Fazer frente ao Presente e ao Futuro!
O - Outrora, atrás de um Sonho, eu abalei,
R - Regressando, depois, por não ter Sorte;
T - Tão longe, em vão, um Sonho procurei...
E - E afinal o meu Sonho era **MONFORTE!**

Pseudónimo: “**EMIGRANTE ARREPENDIDO**”



Quadra Popular



Minha mãe soubeste ser
A melhor todos os dias,
Peço perdão por não ter
Sido o filho que mer'cias.

Pseudónimo: **Lastimoso**

MEIGA, A PALAVRA SAUDADE
DÁ À ALMA PORTUGUESA
TODA A SINGULARIDADE
RAÍZ DA SUA BELEZA.

Pseudónimo: **SAUDADE**

1º Prémio

Comigo, a minha avozinha
Brinca... Sorri... Canta... Dança...
- Por Amor, mesmo velhinha,
Continua a ser criança!...

Pseudónimo: “**Netinho**”



Poesia Obrigada a Mote



Solidão - 3º Prémio

Desde o princípio do mundo,
sem ver a paz que se esconde,
atrás, dela, vagabundo,
eu venho não sei de onde.

Mão estendida, qual mendigo,
busco meus sonhos, além;
A falar a sós comigo,
à cata, não sei de quem.

E me pergunto à razão:
O que procuras?! Adonde?!
Só que em meio à solidão ...
brado, ninguém me responde,

Sei, porém, que ao ir sozinho
em busca de algo ou de alguém,
mesmo implorando um carinho ...
olho, não vejo ninguém.

2º Prémio

MOTE:

Eu venho não sei de onde,
À cata, não sei de quem,
Brado, ninguém me responde,
Olho, não vejo ninguém.

JOAQUIM TRINDADE

GLOSA:

Alguém me pôs nesta vida!
Isso sei, mas, à partida,
Algo mais de mim se esconde.
Por que vim, por que nasci?
Nada antes conheci,
Eu venho não sei de onde!

É também uma surpresa
Ver quem chora, ver quem reza
Pedir sempre por alguém.
E sentir que todo o mundo

Não pára nem um segundo,
À cata não sei de quem.

Deitei-me, pois, ao caminho
Surpreendido e sozinho,
Fui escravo, pastor e conde.
Mas sempre a mesma incerteza...
A sós com a Natureza
Brado, ninguém me responde.

Quando um dia, já ceguinho,
Eu me perder no caminho
Dos muitos que a vida tem,
Se ninguém me der a mão
Hei-de dizer com razão:
- Olho, não vejo ninguém!

Pseudónimo: **Lentilhas**

1º Prémio

Eu venho não sei de onde,
À cata, não sei de quem,
Brado, ninguém me responde,
Olho, não vejo ninguém.

Sem destino na jornada,
Fui Zé-ninguém, não fui conde,
Nas artimanhas do nada,
Eu venho não sei de onde.

O coração avisou
O que à mente não convém,
Foi ele que me mandou,
À cata, de não sei quem.

No caminho aleatório,
Choram silêncios avonde,
Às portas do purgatório,
Brado, ninguém me responde.

Fui contando, em despedida
Os amigos, (mais de cem)!
No labirinto da vida,
Olho, não vejo ninguém.

Pseudónimo: “**A.C-Salva**”



Soneto



POENTES DOS MEUS SONHOS - 3º Prémio

Por sentir nos poentes a magia...
Que seduz e me embala docemente
E por viver comigo dia a dia,
Quero-a, na minha alma eternamente.

A pureza das cores em harmonia
Que vislumbro na luz do sol poente,
São a mais doce e suave melodia
Que dá vida à minha alma descontente.

Toda a beleza das tardes a findar
Dão-me alento e coragem p'ra sonhar
Meus sonhos em Monforte com prazer.

Encontro nos poentes a beleza
Que dá luz p'ra vencer a incerteza
E mora nos meus sonhos por viver.

Pseudónimo : **SONHADOR**

O Meu Poente - 2º Prémio

Na tarde de verão, na tarde quente,
Que deu luz e calor à minha vida,
Sinto que o tempo passa e, de repente,
É já chegada a hora da partida.

Na tarde que se esvai tranquilamente,
Com um certo sabor de despedida,
Efémera é a hora aqui presente:
Ai, como tudo passa de fugida!

Passou. Tudo é passado que não volta.
O tempo bate a asa, leve e solta,
Na tarde soalheira, lentamente...

Só fica uma lembrança pequenina,
Tremeluzindo como lamparina:
- Resquício de ilusão do meu poente!

Pseudónimo: **Diocleciano**

O PÔR-DO-SOL DA MINHA INFÂNCIA - 1º Prémio

Quando o Sol incendeia a Natureza,
Só eu sei a tristeza que me invade...
Pois vendo o Céu tingido de Beleza,
Sinto a alma tingida de Saudade!...

Retrocedo no Tempo, com tristeza,
E regresso a Monforte, à tenra idade...
Agora - a recordar como quem reza -,
Só vejo o Pôr-do-Sol da mocidade!...

Eu sei que a sua cor se mantém bela,
E um Sol Poente é sempre uma aguarela
Com que Deus mostra o Sol à beira-morte...

Mas por mais que olhe o Céu que tenho aqui,
Não lhe vejo a magia que lhe vi...
Nem Pôr-do-Sol igual ao de Monforte!

Pseudónimo: **“FILHO AUSENTE”**



Poema Lírico



A MINHA NOSSA SENHORA - 3º Prémio

Ao ser chamada por Deus,
minha Mãe rumou aos Céus
onde, feliz, vive agora!
Mas ao seguir seu Caminho,
Meu Presépio pobrezinho ficou
Sem Nossa Senhora!

Pseudónimo: “**JESUS C.**”

FÉ E AMOR - 2º Prémio

Domingo. Sol ou chuva... Na capela
Vi sempre um casalinho em oração.
Com mais de oitenta anos, ele e ela,
Vão rezar em silêncio, mão na mão.
Ele, cego, traz sempre na lapela
Uma cruz bem chegada ao coração;
Porém, os apagados olhos dela
É que prendem, sem dó, minha atenção...
... Ela também é cega! E, de certeza,
Nem vaidade, nem sorte, nem riqueza
Nos seus trajés humildes eu distingo...
Cegos, pobres, doentes, velhos, sós...
- Ah! Que lição de Amor p'ra todos nós
Este exemplo que Deus vê ao domingo!

Pseudónimo: **LUZ DO ALTO**

O SOL DA MINHA VIDA - 1º Prémio

Na solidão da noite chora o sino
E uma nuvem encobre a lua-cheia...
Neste cenário triste e campesino,
Só uma vela brilha em minha aldeia!...
Ouve-se a derradeira badalada...
P'la rua, sem luar, já ninguém passa...
Mas meus olhos percorrem a calçada
Por detrás da cortina da vidraça!...
É farta a minha aldeia - farta e bela!
Porém, parece agora pobre e feia...
E os meus olhos, colados á janela,
Contemplam, com tristeza, a velha aldeia!
Parece, a esta hora, ser tão triste...

Tão solitária... e pobre... e indefesa...
Contudo, só eu sei que em mim existe
Muito mais solidão e mais tristeza!...
Choro, p'la madrugada, à luz da vela...
Minha aldeia, sem luz, comigo chora...
Mas chegada a manhã alegra-se ela...
E eu continuo tão triste como agora!
A minha velha aldeia é como o Sol:
Renasce, p'la manhã, dia-após-dia.
E enquanto tem aceso esse Farol,
Fervilha de trabalho e de alegria.
A mim esta tristeza não me deixa,
Pois desde que morreste, minha Querida,
Já nem a Lua escuta a minha queixa!...
Já nem o Sol aquece a minha Vida!...

Pseudónimo: “**VIÚVO**”



Jogos Florais

Até Para o Ano...

